



I Encontro de História Antiga e Medieval UFF Campos I Colóquio de Estudos Orientais UFF Campos

I Encuentro de Historia Antigua y Medieval UFF Campos
I Coloquio de Estudios Orientales UFF Campos

I Meeting of Ancient and Medieval History UFF Campos
I Oriental Studies Colloquium UFF Campos

Caderno de Resumos

Ano 1, Volume 1, Número 1 - 2015 ISSN 2447-665X

Realização

uff Universidade Federal Fluminense

Apoio



Revista Mundo Antigo
História Antiga, Medieval e Arqueologia



GEKemet
Grupo de Estudos Kemet
História e Arqueologia do Egito Antigo

PROGRAD
Pró-Reitoria de Graduação

I Encontro de História Antiga e Medieval / I Colóquio de Estudos Orientais
Universidade Federal Fluminense – História – Campo dos Goytacazes

**Departamento de História CHT - UFF/ESR
Campos dos Goytacazes - RJ
Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e
Arqueologia Transdisciplinar**

**I Encontro de História Antiga e Medieval
I Colóquio de Estudos Orientais**

**I Encuentro de Historia Antigua y Medieval UFF Campos
I Coloquio de Estudios Orientales UFF**

**I Metting of Ancient and Medieval History UFF Campos
I Oriental Studies Colloquium UFF Campos**

**EVENTO INTERNACIONAL
25 a 27 de novembro de 2014
UFF – Campos dos Goytacazes**

EXPEDIENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF

Reitor: Prof. Dr. Sidney Luiz de Matos Mello

Instituto de Ciência da Sociedade e Desenvolvimento Regional – ESR

Diretor: Prof. Dr. Hernán Armando Mamani

Departamento de História de Campos dos Goytacazes – CHT

Diretor: Prof. Dr. Luis Claudio Duarte

Curso de História - CGH

Coordenador: Prof. Dr. Julio Cesar Mendonça Gralha

NEHMAAT - UFF - ESR

**Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia
Transdisciplinar .**

Coordenador: Prof. Dr. Julio Cesar Mendonça Gralha

I Encontro de História Antiga e Medieval / I Colóquio de Estudos Orientais

Coordenação Geral:

Profa. Dra. Carolina Fortes

Prof. Dr. Julio Gralha

Comissão Organizadora:

Profa. Dra. Carolina Fortes

Prof. Dr. Julio Gralha

Profa. Mda. Thamís Malena Caria

Graduando Lucas Vieira

Graduando Ruan Botelho

Monitores:

Andressa Cruz Carvalho Leonardo

Adriele de Jesus Costa

Ellen Rocha De Almeida

Elisabeth Martiniano dos Santos Paiva

Guilherme Klima Buganza

Henrique Kort-Kamp

Luana Motta

Lucas Barcellos Figueiredo

Luiz Felipe

Ruan Carlos Nogueira Manhães

Edição: Ano 1, Volume 1, Número 1, 2015.

Editores: Prof^{fa}. Dr^a. Carolina Fortes (UFF-ESR)
Prof. Dr. Julio Gralha (UFF-ESR)

FICHA CATALOGRÁFICA

C122

Caderno de Resumos. – I Encontro de História Antiga e Medieval / I Colóquio de Estudos Orientais. – (25-27 nov. 2014).

Modo de acesso: <http://www.nehmaat.uff.br/caderno-de-resumos.html>

Anual

Texto em português, espanhol e inglês

Publicação do Núcleo de Estudos em História Medieval, Antiga e Arqueologia Transdisciplinar (NEHMAAT) do curso de História da Universidade Federal Fluminense – Pólo Universitário de Campos dos Goytacazes

ISSN: 2447-665X

1. História antiga. 2. História medieval. 3. Arqueologia antiga.

CDD 930

PROGRAMAÇÃO

25.11.2014

§ 10:00-12:00: Mini-curso

Igreja, Identidade e Sexualidade no Século IV

Prof. Wendell dos Reis Veloso -UFRRJ

§ 13:00 – 15:00: Comunicações

Sessão de Comunicações 1: Aspectos do Oriente Medieval

Coordenação: Profª. Mestranda Celia Daniele Moreira de Souza – PPGHC/UFRJ

Devshirme: Sistema de Recrutamento Infantil Militar Otomano (Séculos XIV-XV)

Grad. Lucas Martiniano Pereira - UFF

O sexo como instrumento de fé na leitura de “O Jardim Perfumado” de Al-Nafzawi (Séc. XV)

Profª. Mda. Celia Daniele Moreira de Souza – PPGHC/UFRJ

Os templos de Khajuraho na Índia (Séc. IX-XI): uma abordagem socio-cultural da iconografia feminina

Grad. Laura Milani – UFF/ESR/NEHMAAT

§ 15:00 – 17:00: Comunicações

Sessão de comunicações 2: A Mulher no Egito Antigo

Coordenação: Prof^a. Mestranda Thamís Malena Marciano Caria -
IAD-UFJF/NEHMAAT

Cleópatra no Rio de Janeiro: um estudo no acervo do Museu D. João VI

Prof^a. Mda. Thamís Malena Marciano Caria - IAD-
UFJF/NEHMAAT

As máximas de Ptahotep: código de conduta social em relação ao papel da mulher no Egito Antigo

Grad. Lucas Ferreira Vieira – UFF/ESR/NEHMAAT

A função social da Mulher no Egito Antigo: casamento e divórcio e as relações de poder

Grad. Andressa Cruz Carvalho Leonardo –
UFF/ESR/NEHMAAT

Sessão de comunicação 3: O clero na Idade Média

Coordenação: Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos - UFF

A Era Viking e a Cristianização do Norte Europeu

Grad. Lucas Barcellos Figueiredo – UFF/ESR

A (des)polarização da Idade Média: Um ensaio sobre a relação laico-clerical

Grad. Henrique de Melo Kort-Kamp – UFF/ESR

O surgimento da Ordem Franciscana: um balanço bibliográfico

Grad. Adriele de Jesus Costa – UFF/ESR

A inserção das ordens mendicantes no ambiente citadino

Grad. Guilherme Klima Buganza – UFF/ESR

§ 17:00 – 19:00: *Mesa-redonda Estudos Orientais: Índia, China e Egito*

Coordenação: Prof. Dr. Julio Gralha – UFF/ESR/NEHMAAT

A Renúncia (tyāga) como Fundamento do Ritual Vedico (yajna)

Prof. Dr. Dilip Loundo - UFJF

China: uma Civilização sem mitos de criação?

Prof. Dr. André Bueno – UNESPAR/LAPHIS

Mito e Ritual: as nove partes do individuo no Egito Antigo

Prof. Dr. Julio Gralha – UFF/ESR/NEHMAAT

§ 19:00 – 21:00: *Conferência de Abertura*

A medievalística, a perspectivação do presente e os anseios de futuro!

Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos - UFF – NIEP-Marx-Prék
– Translatio Studii

26.11.2014

§ 08:00 – 12:00: *Mini-curso*

As origens do pensamento chinês

Prof. Dr. André Bueno – UNESPAR/LAPHIS

§ 10:00-12:00: *Mini-curso*

Igreja, Identidade e Sexualidade no Século IV

Prof. Ms. Wendell dos Reis Veloso - UFRRJ

§ 13:00 - 15:00: *Mesa Redonda Santidade e Feminino na Idade Média*

O vulto da rainha Isabel de Portugal nas Crônicas Medievais Ibéricas

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Carmo Parente Santos- NEA/UERJ

Santidade e Poder na Gália Merovíngia: Radegunda de Poitiers

Prof^ª Dr^ª. Miriam Lourdes Impellizieri Luna Ferreira da Silva - UERJ

§ 15:00 – 17:00: *Comunicações*

Sessão de comunicação 4: Atenas Clássica e Roma Imperial

Coordenação: Prof^ªDra. Jaqueline Calazans – PPGHC/UFRJ

Casamento, divórcio e status social da mulher na Grécia Clássica. Atenas (século Va.C.)

Grad. Caroline de Souza Corrêa – UFF/ESR

Um comparativismo singular-plural do culto de Isis: entre egípcios e atenienses do século V e IV a. C

Profª Mestranda Marina Rockenback de Almeida

PPGHC/UFRJ/NEA/NEHMAAT

Atenas: identidade e conflito entre grupos sociais no século V a.C.

Prof. Doutorando Alair Figueiredo Duarte –

PPGHC/UFRJ/NEA/NEHMAAT

Augusto: dimensões religiosas e humanas em Bracara Augusta

Prof. Doutorando Paulo Pires Duprat – PPGHC/UFRJ/LHIA

O Império Romano e a controvérsia priscilianista: a busca pela legitimação e unidade política no Codex Theodosianus

Jaqueline Calazans – PPGHC/UFRJ

Sessão de comunicação 5: Pesquisas em História Antiga e Medieval

Coordenação: Prof. Diogo Rodrigues dos Santos – UERJ

História Comparada: da definição metodológica a uma proposta de pesquisa

Prof. Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira – UNESA

Cinema, História e usos do Passado: Troia

Grad. Ruan Cabral Botelho – UFF/ESR/NEHMAAT

As Cruzadas Medievais: uma discussão historiográfica

Grad. Elisabeth Martiniano dos Santos Paiva – UFF/ESR

Reflexões sobre o lugar social de Ramon Llull em Maiorca no século XIII

Prof. Diogo Rodrigues dos Santos – UERJ

Deuses Estrangeiros no Egito Antigo

Grad. Ana Luiza da Costa Duarte – UFF/GEKEMET

§ 17:00 – 19:00: *Mesa-redonda Política, Religião e Cultura na Alta Idade Média*

Coordenação: Profa. Dra. Leila Rodrigues da Silva – PEM/UFRJ

A idealização da figura episcopal no reino suevo: as referências nas atas conciliares e nos escritos martinianos

Prof^ª . Dr^ª. Leila Rodrigues da Silva – PEM/UFRJ

Cartas visigóticas: relações de poder na Península Ibérica do Século VII

Prof. Dr. Rodrigo Rainha – UNESA

Considerações sobre a pregação no Ocidente Medieval (séculos IV-VI)

Prof. Dr. Paulo Duarte – PEM/UFRJ

§ 19:00 – 21:00: *Mesa-redonda de Estudos Orientais: religião, paisagem e natureza*

Coordenação: Prof. Dr. Aristides Sofiate - UFF Campos

La religion funeraria en la transicion posamarniana

Prof^ª Dr^ª. Violeta Pereyra - IHAO-FFCHL-UBA/Argentina

Monumentalización y evocación en el paisaje de Tebas occidental

Prof^a Dr^a. Liliana Manzi - FFCHL-UBA/Argentina

Representações da natureza nas sociedades arcaicas e nas civilizações da Antiguidade

Prof. Dr. Aristides Sofiate – UFF/ESR

27.11.2014

§ 10:00-12:00: *Mini-curso*

Igreja, Identidade e Sexualidade no Século IV - Prof. Ms.
Prof. Prof. Ms. Wendell dos Reis Veloso - UFRRJ

§ 13:00 - 15:00: *Comunicações*

Sessão de comunicação 6: Heresia e Arte na Idade Média

Coordenação: Prof^a. Mestranda Vânia Vidal Luiz –
UNIRIO/NERO/NEM

As Heresias da Idade Média Central e suas relações com a Inquisição

Grad. Ellen Rocha De Almeida – UFF/ESR

O Gótico: apontamentos iniciais sobre a arte medieval

Grad. Ruan Carlos Nogueira Manhães – UFF/ESR

Cruz Gamada de Augusto: construção da legitimidade do Imperial na iconografia cristã medieval (estudo de caso)

Prof^a. Mda Vânia Vidal Luiz – UNIRIO/NERO/NEM

Sessão de Comunicação 7: Política e Igreja na Alta Idade Média

Coordenação: Juliana Salgado Raffaeli – PPGHC/UFRJ

A renúncia a riqueza material nas instituições cenobíticas de Joao Cassiano

Prof. Ms. Bruno Uchoa – PPGHC/UFRJ

Tricennalis temporis intentione referente ao patrimônio eclesiástico: divergências e aproximações entre a Lex Visigothorum e as atas conciliares toledanas.

Prof. Ms. Guilherme Marinho Nunes – PPGHC/UFRJ

Considerações sobre a proposta eremítica na auto-hagiografia de Valério de Bierzo

Prof^ª. Ms. Juliana Salgado Raffaeli – PPGHC/UFRJ

§ 15:00-17:00. Mesa-redonda: Guerra Antiga e Arte da Guerra

Coordenação: Prof. Dr. Manuel Rolph Cabeceiras - GEHM-CEIA-UFF/ PLURALITAS-UFRRJ/ IGHMB

A Liderança Militar em Atenas (415 a. C.)

Prof. Lucas Carvalhal Sirieiro - GEHM-CEIA-UFF

Manuais de guerra: retratos dos conflitos japoneses

Prof. Douglas Magalhães Almeida - GEHM-CEIA-UFF / GEHJA-CEIA-UFF / NEJAPUFSC

A face da batalha das Termópilas: memória, imagem e uma nova abordagem

Prof. Esp. José Luiz Pereira Rebêlo - GEHM-CEIA-UFF / SEEDUC-RJ

A Cultura Militar Inglesa durante a Guerra dos Cem Anos

Prof. Hiram Alem - GEHM-CEIA-UFF / NIELIM-UFRJ

§ 17:00 - 19:00. *Mesa-redonda Ordens Religiosas entre os séculos XII e XIII*

Coordenação: Prof^a Dra. Carolina Fortes

O bispo tudense Gil de Cerveira e o inquérito sobre os milagres *post mortem* atribuídos ao dominicano Pedro Gonzalez: algumas reflexões iniciais

Prof^a . Dr^a. Andreia Frazão – PEM/UFRJ/CNPq

O caso da desobediência de Oxford: considerações sobre o processo de construção da identidade da Ordem dos Frades Pregadores no século XIII

Prof^a . Dr^a. Carolina Fortes – Translatio Studii/PEM/NEHMAAT/ UFF

Do deserto para o mundo: a escrita como forma de sociabilidade monástica no início do século XII

Prof. Dr. Gabriel Castanho - UFRJ

§ 19:00 – 21:00 *Conferência de Encerramento*

“Cambios y continuidades en la religión funeraria después de Amarna. Expresiones tebanas.”

Prof^a Dr^a. Violeta Pereyra - IHAO-FFCHL-UBA/Argentina

Iconografia, Numismática e Arqueologia: o Mundo Romano em Transformação.

Prof. Dr. Cláudio Carlan - PPGHI/UNIFAL

RESUMOS

Mini-cursos

Igreja, Identidade e Sexualidade no Século IV

Prof. Ms. Wendell dos Reis Veloso – UFRRJ

No século IV verifica-se a aproximação entre a facção cristã nicena e a *romanitas*, possibilitando assim o surgimento da *christianitas* ou *ecclesia*, a qual paulatinamente intentou a manutenção do *dominium*. Neste contexto, as elites eclesiásticas tentavam consolidar seu poder perante o restante da sociedade normatizando aspectos diversos da vida social. Ao abordar o tema do corpo, sobretudo no que concerne à carne e aos desejos, o clero propunha um programa de controle até mesmo das mais íntimas e cotidianas instâncias corporais no processo histórico de estabelecimento de uma determinada identidade. O presente curso tem como objetivo principal apresentar as estratégias adotadas por membros proeminentes da Igreja do século IV para reger a corporeidade cristã. A partir de concepções de uma História Sociocultural das Religiões, será privilegiado o tema da sexualidade.

As origens do pensamento chinês

Prof. Dr. André Bueno – UNESPAR/LAPHIS

O Pensamento chinês é, provavelmente, uma das tradições filosóficas mais duradouras na história da humanidade. Inserido no contexto de uma civilização cuja continuidade linguística e cultural perdura desde a antiguidade, o pensamento chinês não pode ser abordado como um todo - ele dispõe de uma estrutura fundadora, mas divide-se em inúmeras escolas, muitas amplamente desconhecidas do público acadêmico brasileiro. Para além disso, ele perpetuou-se numa busca cosmológica que não rompeu com mitos [e nem derivou-se deles], tanto quanto não promoveu nenhuma virada antropológica. O que examinaremos nesse minicurso, pois, são os fundamentos desse pensamento, abordando suas origens, sua estrutura básica, e o surgimento das primeiras escolas éticas depois do séc. 6 AEC., fornecendo um quadro fundamental para compreender essa tradição.

Conferências

A medievalística, a perspectivação do presente e os anseios de futuro!

Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos- UFF
NIEP-Marx-Prék
Translatio Studii

Mesmo os historiadores reacionários mais empedernidos, pré e pós-modernos, que se vangloriam de afirmar a inutilidade da História deveriam reconhecer, ainda que a contragosto, que a função social primeira de nossa disciplina é insofismável e incontornável. Aos historiadores, homens e mulheres do seu tempo, compete dimensionar historicamente os fenômenos, as demandas e os anseios que mobilizam a atenção e instigam o desejo de conhecimento das suas sociedades contemporâneas, nas quais vivem e a partir das quais são mobilizados para a produção do conhecimento histórico. O historiador, mesmo o das sociedades mais remotas no tempo e no espaço (ou talvez esses, em especial) é, fundamentalmente, um “perspectivador” do presente, uma vez que a História é a disciplina do contexto e do contraste. Nessa apresentação, a partir de um breve balanço das linhas de rumo da medievalística brasileira, proponho-me a estabelecer as vias e premissas de uma História Medieval que fomenta, no presente em curso, a perspectiva de que o historiador não é tributário de uma visão do passado, mas de um anseio do futuro!

Iconografia, Numismática e Arqueologia: o Mundo Romano em Transformação

Prof. Dr. Cláudio Carlan - PPGHI/UNIFAL

Nos séculos III, IV e V, o mundo romano sofreu uma série de reformas administrativas, políticas, sociais, militares, econômicas e religiosas, numa tentativa de salvar e modernizar o império. Essas mudanças estão presentes nas cunhagens monetárias do período, numa clara política de propaganda e legitimação, de uma elite que circula na orla do poder imperial.

Como corpus documental, analisaremos o papel da iconografia monetária nesse processo de mudança, como uma máquina propagandista do Estado, legitimando o poder imperial. Nesse sentido, utilizaremos como modelo, a coleção numismática romana do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, maior acervo monetário da América latina, importante patrimônio arqueológico brasileiro, ainda pouco explorado.

Secularización del poder y recompensa real

Prof.^a. Dr.^a. Violeta Pereyra (Universidade de Buenos Aires)

Desde el Reino Antiguo la recompensa real fue un recurso para mediar las relaciones entre la realeza y la elite. Su registro en los anales menfitas de Amenemhat II y en las inscripciones autobiográficas de los nobles de la dinastía XVIII fue resignificado en la necrópolis de Amarna, donde se documenta como una temática destacada. Su vigencia se mantuvo hasta el

período ramésida como ícono expresivo de la secularización del poder, tanto en los monumentos privados como en los reales.

Concebida como morada eterna, la tumba de Neferhotep - funcionario del templo de Karnak que fue contemporáneo de Akhenaton, Tutankhamon y Ay- conservó dos escenas de recompensa: la de Neferhotep y la de su esposa, constituyendo un caso de estudio particular a partir del cual se propone una interpretación del tema en ese contexto histórico.

Mesas-redondas

Mesa-redonda Estudos Orientais: Índia, China e Egito **A Renúncia (tyāga) como Fundamento do Ritual Védico** **(yajna)**

Prof. Dr. Dilip Loundo - UFJF

A presente comunicação tem por objetivo analisar as constantes fundamentais da práxis ritual na Índia com base nas reflexões e especulações teóricas presentes nos textos denominados Brāhmaṇa(s) – parte integrante do cânone sagrado, viz., os Veda(s) – e seus desdobramentos subsequentes de caráter explanatório tais como os Śrauta-sūtra(s), os Gṛhya-sūtra(s), os Dharma-sūtra(s) e os Mīmāṃsā-sūtra(s). A pertinência de tal empreendimento baseia-se no caráter dúplice que marca a relevância da sociedade védica: ela constitui, de um lado, uma das matrizes originárias fundamentais da civilização indiana cuja antiguidade é incontestável e, de outro, estrutura flexível de ordenação e incorporação de elementos adventícios cujo processo, designado comumente de *hinduização*, consagra a realidade dos dias de hoje. O princípio operativo do ritual védico envolve uma práxis complexa caracterizada por uma sequência de ações bem determinada, que conduz à produção/aquisição por parte do(s) protagonista(s) de objetos de desejo de caráter transcendente. Metafisicamente definida como ‘paraíso’ e psicologicamente como uma ‘condição de felicidade’, a fruição transcendente trata-se de um acontecimento de maturação futura, *à posteriori*, fundamentado na doutrina da transmigração da alma (*saṃsāra*). A causa instrumental de sua produção/aquisição é, no limite, a própria práxis do ritual que, assim, se sobrepõe às intervenções e mediações de entidades divinas (*devas*). Os requisitos de caráter ético e os procedimentos

que o constituem são o objeto, por excelência, das injunções (*vidhi*) prescritas nos textos dos Brāhmaṇa(s) que se impõem tanto como um imperativo (*dharma*) quanto como um método de realização de aspirações humanas (*puruṣārtha*). Em síntese, a orientação primordial do ritual se inscreve no contexto pragmático de um compromisso com as aspirações/desejos humanos de caráter mais nobre ou ‘divino’. O embasamento ético do ritual védico, que justifica sua categorização específica como sacrifício ou *ritual sacrificial* (*yajña*), radica-se numa disposição à renúncia (*tyāga*) por parte do(s) protagonista(s)/sacrificador(es). Com efeito, enquanto produção/aquisição potencial (futura) de objetos transcendentais, o ritual implica, aqui e agora, uma renúncia a objetos de posse atual – i.e., objetos mundanos – que se transubstanciam, ritualmente, em oferendas dedicadas aos deuses e seus representantes terrenos, os sacerdotes. Portanto, independentemente da maturação *à posteriori* dos frutos deferidos, o ritual se afirma, de forma imediata e imanente, como espaço existencial de realização ética expresso na renúncia do sacrificador a uma dimensão de si-mesmo. Essa experiência associada à reflexão sobre o caráter efêmero (i.e., o ‘esgotamento’) dos paraísos produzidos/adquiridos pela ação ritual – a requerer o renascimento da alma (*ātman*) na condição humana e a consequente realização de novos sacrifícios – tende a revelar uma contrapartida epistemológica enquanto disposição visando ao conhecimento da verdadeira natureza da alma e do si-mesmo (*mokṣa*)."

China: uma Civilização sem mitos de criação?

Prof. Dr. André Bueno – UNESPAR/LAPHIS

Existe alguma civilização que ignora seus mitos de criação? Um exame rápido nos revela que praticamente todas as sociedades antigas tem seus mitos, e algumas mais de um. Todavia, os chineses antigos pareciam não se preocupar com isso, e os primeiros redatores da história chinesa os deixaram de lado. Nessa conferência, buscaremos examinar quais as razões desse desinteresse chinês pelos seus mitos de origem; quais tradições poderiam [ou não] ser elencadas como mitos de origem; e por fim, como essa questão foi utilizada, em determinados momentos, para singularizar a história chinesa, ora enfatizando preconceitos, ora reforçando um sentido de alteridade cultural.

Mito e Ritual: as nove partes do indivíduo no Egito Antigo

Prof. Dr. Julio Gralha – UFF/ESR/NEHMAAT

Desde que o homem passou a se preocupar com seus mortos e a conceber outros planos de existência diferentes do seu é provável também que tenha pensado nas partes que compunham seu ser. É difícil atestar quando isto ocorreu, mas os artefatos encontrados - vasos para alimentos, facas de sílex e utensílios pessoais - durante escavações arqueológicas nos túmulos pré-dinásticos (anterior a 3200 a.C.) podem indicar, que o homem daquele momento, parecia acreditar na morte como uma espécie de viagem, de passagem para um lugar mítico que possui características similares ao seu mundo natural. Ou talvez, aquele homem acreditasse que havia necessidade de alimentar seus entes queridos, aqueles seres inerte nesta nova condição que é a morte. Mas, se eles estavam mortos, em “sono profundo”, imóvel o que seria alimentado? Como seria alimentá-lo? Um outro ser invisível

acompanhava o corpo? Talvez neste momento o pensamento egípcio antigo tenha formulado os primeiros conceitos metafísicos e/ou religiosos sobre a constituição do ser. Ou seja, a identificação do que permanecia e/ou partia para os planos míticos e religiosos do pensamento egípcio.

Desta forma, o egípcio antigo acreditava que durante a vida os elementos constituintes do “ser” estavam aglutinados, agregados de tal forma que o mantinham vivo e pleno no mundo natural, habitados por homens, animais e vegetais. Ao que parece este mesmo conceito não se aplicava às partes constitutivas da divindade que não passando pelo advento da morte estavam coesas e sob o controle do deus em total plenitude. Assim sendo, neste trabalho pretende-se analisar as partes constitutivas do ser e possíveis práticas rituais.

Mesa Redonda Santidade e Feminino na Idade Média
O vulto da rainha Isabel de Portugal nas Crônicas Medievais Ibéricas

Prof^a. Dr^a. Maria do Carmo Parente Santos- NEA/UERJ

Dentre as rainhas da primeira dinastia portuguesa a mais conhecida e admirada é, sem dúvida, a esposa de D. Dinis, a rainha Isabel.

Sua figura marcou profundamente a sensibilidade coletiva do povo luso, graças ao trabalho de diversos cronistas, em cujas obras ela foi apresentada como um modelo de rainha, esposa e mãe. Isabel era aragonesa, tendo chegado a corte portuguesa num momento em que o reino encontrava-se sob interdito papal, onde os costumes sexuais eram bastante relaxados e as tensões com o reino castelhano frequentes.

Foi neste ambiente permeado por severas tensões que ela se destacou como rainha piedosa, esposa virtuosa, mãe extremosa, mas também como hábil e sábia mediadora de conflitos.

No nosso trabalho pretendemos analisar a construção de sua figura histórica na obra de dois autores: Duarte Nunes de Leão e Francisco Brandão.

Santidade e Poder na Gália Merovíngia: Radegunda de Poitiers

Prof^a Dr^a. Miriam Lourdes Impellizieri Luna F. da Silva – UERJ

Radegunda de Poitiers viveu no século VI. De origem Turíngia, ainda menina, depois de ter visto sua família e seu povo massacrados pelos francos, foi levada como troféu de guerra para a Gália. Foi educada na corte do rei Clotário (filho de Clóvis) que a desposou anos mais tarde. Inconformada, Radegunda busca, de todas as maneiras, fugir da corte e da vida conjugal. Depois de vários percalços, finalmente, obtém a permissão de Clotário para fundar um mosteiro em Poitiers, onde viverá até sua morte longe do mundo. Considerada santa ainda em vida, graças ao seu ascetismo rigoroso e à realização de inúmeros milagres, após sua morte seu culto logo se difundirá graças aos escritos de dois de seus amigos e contemporâneos, Gregório de Tours e Venâncio Fortunato e de uma monja do mosteiro de Santa Cruz de Poitiers, Baudonívia.

No século XII, o culto à rainha santa Radegunda conhecerá novo incremento, graças ao bispo Hildeberto de Lavardin, que escreve uma nova hagiografia mais de acordo com o gosto da época. No século XIII surgem relatos de novos milagres ocorridos nas proximidades de seu túmulo. Desta feita, o culto a Radegunda de Poitiers se mantém ao longo de toda a Idade Média, modificando-se de acordo com as mudanças de concepção da

santidade, ao mesmo tempo em que se alteravam as concepções políticas e de poder que lhe eram inerentes.

*Mesa-redonda Política, Religião e Cultura
na Alta Idade Média*

**A idealização da figura episcopal no reino suevo:
as referências nas atas conciliares e nos escritos martinianos**

Prof^a. Dr^a. Leila Rodrigues da Silva – PEM/UFRJ

Entre os anos de 550 e 580, após a conversão dos suevos ao cristianismo, as autoridades clericais coordenaram um amplo processo de reorganização interna da instituição eclesiástica. Nesse movimento, entre os vários temas com os quais as lideranças religiosas se ocuparam, é possível observar a atenção conferida às atribuições e à conduta episcopal. Neste trabalho, à luz da historiografia, interessa-nos analisar as referências a tais aspectos nas atas de dois concílios realizados em Braga (561 e 572) e nos escritos de Martinho de Braga, reconhecida autoridade clerical da região. Assim, buscaremos verificar em que medida é possível identificar um perfil de bispo, caracterizado por um dado modelo de comportamento e respectivas prerrogativas, idealizado pelo próprio episcopado local.

**Cartas visigóticas:
relações de poder na Península Ibérica do Século VII**
Prof. Dr. Rodrigo Rainha – UNESA

Esta comunicação tem por objetivo pensar as cartas produzidas no âmbito da Península Ibérica no século VII como um instrumento de poder.

Este tipo de documentação tem uma historicidade própria, que remete a processos de legitimação, pautado na aristocracia romana, e são ressignificados pela aristocracia eclesiástica.

No reino visigodo tais documentos são utilizados em meio as disputas dos membros do episcopado, na busca da normatização da Igreja local e como instrumento de educação.

**Considerações sobre a pregação no Ocidente Medieval
(séculos IV-VI)**

Prof. Dr. Paulo Duarte – PEM/UFRJ

Nas últimas décadas, os estudos dedicados aos sermões medievais têm se ampliado, tanto pelo maior número de pesquisadores e publicações destinados ao tema quanto, sobretudo, pelo significativo salto qualitativo no que se refere aos aspectos metodológicos referentes a tais documentos.

No entanto, a maioria destes estudos se detém em sermões inscritos no período da Idade Média Central em diante. Deste modo, a pregação característica dos primeiros séculos medievais permanece pouco explorada. Tal carência se agrava quando se reconhece ser este período crucial para a organização da Igreja.

Nesta comunicação indicamos alguns dos aspectos e desafios pertinentes ao estudo da pregação e dos sermões ocidentais dos séculos IV a VI, tomando como referência as

recentes discussões conceituais e metodológicas conduzidas em tal campo acadêmico.

*Mesa-redonda de Estudos Orientais:
religião, paisagem e natureza*

La religion funeraria en la transicion posamarniana

Prof^a Dr^a. Violeta Pereyra - IHAO-FFCHL-UBA/Argentina

Después del reinado de Akhenatón, el restablecimiento de Amón condujo a una reformulación de la religión funeraria que integró elementos de la teología tebana y de la amarniana.

La decoración de las tumbas de la necrópolis de los nobles de Tebas da cuenta de ello tanto en las temáticas que integra como en sus resoluciones plásticas. Su interpretación permite reconocer el sistema de relaciones representado tras esas evidencias como una proyección de lo político sobre las creencias funerarias.

**Monumentalización y evocación en el paisaje de Tebas
occidental, Egipto**

Prof^a Dr^a. Liliana Manzi - FFCHL-UBA/Argentina

La monumentalización del paisaje tebano es analizada mediante la distribución templos de millones de años y, en forma subordinada, de tumbas privadas; dando cuenta de la perpetuación evocativa que alcanzaron algunos actores sociales a través de tales obras.

En este proceso, la toma de decisiones operó a favor de la conformación de paisajes culturales, previendo que las construcciones habrían respondido a fines visuales -ver desde y ser

vistos- y discursivos -transmitir mensajes mediante la organización territorial y la evocación de personas, divinidades y hechos sociales-. En la selección de lugares -cada templo- y de sectores -distritos en donde se concentran tumbas- se estableció una jerarquización del espacio, en donde las estructuras arquitectónicas tuvieron, por meta, ser omnipresentes y dar cuenta de las interacciones entre actores sociales -quienes mandaron a construirlas, fueron venerados o sus beneficiarios-.

Cada estructura, individualmente o en conjunto, formó parte de un sistema de comunicación evocativo -y en ocasiones "invocativo"-, favoreciendo la interacción social y el mantenimiento del orden establecido bajo la forma de mandatos políticos y preceptos religiosos.

Representações da natureza nas sociedades arcaicas e nas civilizações da Antiguidade

Prof. Dr. Aristides Sofiate – UFF/ESR

Como premissa teórica, a presente comunicação entende que a natureza não-humana existe, mas sua percepção pelas diversas culturas é sempre mediada por representações. Ela se afasta do reísmo positivista e do solipcismo relativista. A partir desse pressuposto, distinguem-se as representações gerais sacralizada, semissacralizada, ressacralizada, físico-explicativa grega e semi-dessacralizada judaico-cristã, na Antiguidade.

Mesa-redonda Ordens Religiosas entre os séculos XII e XIII

O bispo tudense Gil de Cerveira e o inquérito sobre os milagres post mortem atribuídos ao dominicano Pedro Gonzalez: algumas reflexões iniciais

Prof^a. Dr^a. Andreia Frazão – PEM/UFRJ/CNPq

Pedro Gonzalez foi um dominicano que atuou como pregador na Galiza na primeira metade do século XIII. Ele faleceu por volta de 1246, em Tui, e foi sepultado na catedral desta cidade. Alguns anos depois, o então bispo tudense, Gil de Cerveira, instituiu uma comissão para realizar um inquérito dos milagres atribuídos a este religioso, que já ganhara fama de santidade. Segundo informa a Vita Fratrum, este material foi encaminhado para o Capítulo Geral da Ordem dos Pregadores realizado em 1258 em Tolosa. Este documento foi preservado incompleto por dois manuscritos: um datado do século XIII, com 78 testemunhos, e outro do XVI, com 126. Ele foi publicado em 1767 por Henrique Florez com o título *Miracula Post Mortem servi dei auctoritate Episcopi Tudensis D. Aegidi examinata*, e em 2009, em uma tradução para o espanhol elaborada por Suso Vila, que intitula o escrito como *Milagros de Fray Pedro González*. O meu objetivo é apresentar algumas reflexões sobre o processo de produção desta obra, bem como sobre o perfil dos que figuram no texto testemunhando os feitos maravilhosos.

**O caso da desobediência de Oxford:
considerações sobre o processo de construção da identidade
da Ordem dos Frades Pregadores no século XIII**

Prof^ª. Dr.^a. Carolina Fortes – Translatio Studii/PEM/
UFF/NEHMAAT

A Ordem dos Frades Pregadores surgiu no século XIII em um contexto mais amplo de transformação da religiosidade ocidental e de ordenação das instituições eclesiásticas. Ao contrário do que parece à primeira vista, esta Ordem não se identificava sobretudo pela pregação, mas pelos estudos que a possibilitavam. Com o objetivo de demonstrar essa hipótese, optamos por tratar de um evento aparentemente secundário que se desenrola no âmbito legislativo da Ordem na década de 1260: os problemas enfrentados pela escola dominicana de Oxford.

**Do deserto para o mundo:
a escrita como forma de sociabilidade monástica no início
do século XII**

Prof. Dr. Gabriel Castanho - UFRJ

Momento de importante expansão urbana e econômica, o século XII foi também, e paradoxalmente, marcado por vozes que clamavam pelos desertos europeus. Social e religiosamente, esse foi um tempo marcado pela tensão entre, de um lado, reestruturação da vida em comunidade (regida pela polarização do espaço em torno do altar) e, de outro, valorização do isolamento eremítico. O aparecimento dos monges cartuxos (talvez a mais importante ordem eremítica medieval) ocorrido justamente nesse contexto oferece uma ocasião privilegiada para estudarmos mais de perto a lógica eclesial do que venho chamando

de "monopólio da solidão", ou seja, o controle do isolamento pela *ecclesia*. Na presente comunicação pretendemos demonstrar como o *studium* e a noção de comunicação "*per litteras*" reforçaram tanto o *propositum* de abandono do mundo dos monges-eremitas cartuxos, como sua inserção na comunidade eclesial.

Comunicações

Sessão de Comunicações 1: Aspectos do Oriente Medieval

Devshirme: Sistema de Recrutamento Infantil Militar Otomano (Séculos XIV-XV)

Lucas Martiniano Pereira - UFF

Através de uma análise centrada na Instituição Devshirme, prática de recrutamento de jovens cristãos das regiões sob a tutela do Império Otomano, iniciado por volta do século XIII d.C., procura-se entender como a mesma influenciou o Exército a ponto de torná-los um dos povos mais temidos no fim da Idade Média e início da Moderna. Pretende-se analisar também os processos mais específicos desse recrutamento, onde os jovens tornavam-se soldados-escravos exclusivos do Sultão Otomano, da sua formação e educação dentro do mundo muçulmano e a transformação que os tornaram guerreiros exemplares, compondo a elite militar e a camada mais alta da administração do sultanato.

O sexo como instrumento de fé na leitura de “O Jardim Perfumado” de Al-Nafzawi (séc. XV)

Prof. Celia Daniele Moreira de Souza – PPGHC/UFRJ

O sexo no Islã possui notadamente um lugar sagrado: o prazer sexual seria o único deleite do paraíso permitido ao homem em sua vida terrena. Não é à toa também que nas diversas referências feitas para a vida celestial, o céu é habitado por seres, as huris, normalmente traduzidas por “virgens”, com as quais o

muçulmano salvo se deleitaria em busca do orgasmo quase sem fim.

Pensando nisto, diversos estudiosos islâmicos devotaram seus escritos a compreender, normatizar e aprimorar a prática sexual nas sociedades em que viviam, utilizando para tanto não só narrativas eróticas, como também conhecimentos médicos e a própria tradição, expressa no Alcorão e nos hadices. Neste sentido, o tratado “O Jardim Perfumado” do Xequie Muhammad ibn Muhammad Al-Nafzawi é um exemplo da tentativa de se estudar o sexo não apenas pelo ato em si, mas também pensando como dele extrair a satisfação dos sentidos em consonância com a sua própria religião.

Nesta comunicação, pretendo demonstrar como Al-Nafzawi busca conciliar as práticas sexuais de sua sociedade com as proposições religiosas islâmicas, e como os seus argumentos, mesmo envoltos em uma proposta regulamentadora de fé, algumas vezes acabam indo de encontro ao próprio Islã em sua origem.

Os templos de Khajuraho na Índia (Séc IX-XI): uma abordagem sócio-cultural da iconografia feminina

Laura Milani – UFF/ESR

O complexo de templos medievais da dinastia de Chandela, da cidade de Khajuraho, situado no estado de Madhya Pradesh, Índia, é conhecida por conter esculturas em gerais eróticas, como casais amorosos, homens e mulheres durante o coito, orgias e figuras sexuais de mulheres. Esses templos são divididos em dois grupos: Os que se situam do lado ocidental de Khajuraho e os que ficam do lado oriental.

As esculturas femininas — principalmente dos templos situados do lado ocidental de khajuraho — foram, em grande

parte, esculpidas em posições iguais aparentemente com base no Shilpa shastra que instruiu os escultores ter “dezesseis tipos de mulheres para decorar os monumentos”. Por outro lado é possivelmente que, tais esculturas/ iconografias retratem o cotidiano de certo segmento de mulheres daquela época, uma vez que — como é sugerido por muitos estudiosos —, elas não são representações de um ritual trântico, mas de mulheres “servas dos deuses” – Devadasis. Além disso, estas esculturas/iconografias vão além, visto que nelas estão embutidos simbolismos que remetem às mitologias arcaicas.

Esta pesquisa visa fazer uma análise dessas iconografias/esculturas de dois grandes templos de Khajuraho que pertencem ao grupo ocidental — Kandariya Mahadeva e Lakshmana — De modo a entender a função sócio-cultural e religiosa das representações eróticas em templos.

Sessão de comunicações 2: A Mulher no Egito Antigo

Cleópatra no Rio de Janeiro: um estudo no acervo do Museu D. João VI

Prof^{ta} Mda. Thamís Malena Marciano Caria - IAD-
UFJF/NEHMAAT

A pesquisa tem por objetivo investigar a pintura intitulada "Cleópatra", que compõe o acervo do Museu D. João VI, do Rio de Janeiro. No catálogo ela consta ser de autor anônimo e referenciado como uma cópia de uma pintura barroca. Esta obra passou a integrar a coleção do Museu D. João VI em 1979, provavelmente no ano de sua fundação.

O acervo de pinturas chegou ao Brasil junto à corte portuguesa em 1808 e a outra parte veio em 1816 com Joaquim Lebreton (Chefe da missão francesa). Todavia, a maior parte deste

acervo é oriunda da própria academia/escola com o resultado das diversas atividades didáticas, tais como: cópias importantes de obras europeias, envio de estudos feitos na Europa pelos pensionistas brasileiros e materiais didáticos para uso nos ateliês. Atualmente, este conjunto de obras ainda possui um caráter pedagógico para os discentes da universidade (EBA). Nesta comunicação, pretende-se analisar as possíveis motivações do corpo discente e docente da AIBA – Academia Imperial de Belas Artes – em ter obras relativas ao mundo antigo, sobretudo Cleópatra VII, a última rainha do Egito.

**As máximas de Ptahotep:
código de conduta social em relação ao papel da mulher no
Egito Antigo**

Lucas Ferreira Vieira – UFF/ESR

A presente comunicação visa analisar as Máximas de Ptahotep como um código de conduta e em certa medida como um código legal praticado pelos segmentos sociais. Em particular, pretende-se analisar o papel da mulher no Egito antigo a partir das Máximas de Ptahotep. É possível que tais máximas possam indicar a posição social da mulher e de certa forma a idealização de beleza e conduta. Como referencial teórico para analisar o corpus documental em princípio pretende-se trabalhar com a Micro-História de Carlo Ginzburg. Em relação à metodologia fizemos opção pela Análise de Conteúdo elaborada por André D. Robert e Annick Boulillaguet. De modo a tornar mais claro a aplicação do método será utilizado um quadro de análise simplificado.

**A função social da Mulher no Egito Antigo: casamento e
divórcio e as relações de poder**

Andressa Cruz Carvalho Leonardo – UFF/ESR

O presente trabalho busca esclarecer aspectos sociais da mulher do Egito Antigo, explicitando suas funções e importância dentro da sociedade. Aqui poderemos ver que as mulheres egípcias tinham grande liberdade em comparação a outras mulheres de outros povos até mesmo dos dias atuais, porém ainda se encontravam em uma posição inferior aos homens. O que pretendo aqui é mostrar como a mulher egípcia vivia em sociedade, salientando as relações de poder entre as práticas culturais e sociais do ritual ou cerimonial do casamento e do divórcio.

Sessão de comunicação 3: O clero na Idade Média

A Era Viking e a Cristianização do Norte Europeu

Lucas Barcellos Figueiredo – UFF/ESR

Quando estudamos a Idade Média, observamos uma grande quantidade de conflitos, sejam eles políticos, religiosos ou sociais. O presente trabalho tem como principal objetivo o entendimento, através de uma análise geral, de uma sociedade pagã proveniente da região atualmente conhecida como Escandinávia, num processo de conversão ao cristianismo, seja através de um contato pacífico ou conflituoso, buscando quebrar o estereótipo de uma sociedade “bárbara” e entender o que levou a esta transformação.

A (des)polarização da Idade Média: Um ensaio sobre a relação laico-clerical

Henrique de Melo Kort-Kamp – UFF/ESR

A Idade Média foi e ainda é analisada, em dadas circunstâncias, sob as bases dos dualismos que a elencam. Um

deles (talvez o mais marcante, por direcionar e ordenar todos os outros) é o dualismo clérigo/leigo, que se faz presente pela profunda hierarquização existente entre ambos os grupos durante o período medieval. Todavia, não se deve debater sobre esta oposição e deixar de abordar a relação íntima que estes grupos mantêm entre si, esquecendo-se, então, que estas encontram-se dentro de um mesmo universo sociocultural. Dessa maneira, nossos objetivos se circunscrevem em discorrer acerca das principais características desta (des)polarização por meio da historiografia de autores como Georges Duby, Jacques Le Goff, Hilário Franco Júnior, Jérôme Baschet, entre outros.

O surgimento da Ordem Franciscana: um balanço bibliográfico

Adriele de Jesus Costa – UFF/ESR

Essa comunicação é uma parte da pesquisa sobre a Ordem Franciscana que irá se restringir em analisar o processo de sua formação. Primeiramente, será contextualizada a vida de Francisco de Assis para compreender os princípios da fraternidade que estava se formando nos primeiros decênios do século XIII. No entanto, esses preceitos não permaneceram como espinha dorsal da Ordem, houve mudanças que já vinham acontecendo antes da morte de seu fundador. Essa comunicação tem como objetivo traçar um breve debate historiográfico a respeito do surgimento da Ordem dos Frades Menores.

A inserção das ordens mendicantes no ambiente citadino

Guilherme Klima Buganza – UFF/ESR

Buscamos através da análise de alguns trabalhos que abordavam temas como a cidade medieval, o surgimento das

universidades e a criação das Ordens Mendicantes. Compreender a natureza que opõe mendicantes e seculares sem que estes estejam necessariamente de lados opostos. Acreditamos que no século XIII a relação entre o clero e a cristandade estava desgastada principalmente pelo enriquecimento da instituição e seu afastamento do cristianismo primitivo. Tendo as cidades proporcionado um novo padrão de vida social, onde as trocas tanto materiais quanto conceituais despertam no cidadão uma nova percepção de si próprio e de sua relação com Deus sendo necessário novas formas de contato com os fiéis, as paróquias e igrejas já não davam conta do trabalho de manutenção da fé cristã. Antes do primeiro quarto do século são criadas as ordens mendicantes. Marcados pela vida mista entre clérigo regular e a proposta de trabalho desempenhada por eles que visa a atuação no século. Abordaremos os fatores que são aceitos pela historiografia atual como determinantes para formação do pensamento cidadão, tendo por foco de análise as disputas entre os diferentes tipos de intelectuais oriundos principalmente do clero secular e da ordem dos pregadores.

Sessão de comunicação 4: A Atenas Clássica e a Roma Imperial

Casamento, divórcio e status social da mulher na Grécia Clássica. Atenas (século V a.C.)

Caroline de Souza Corrêa – UFF/ESR

O presente estudo procura dialogar sobre as relações e o cotidiano conjugal dos gregos no período clássico e como o casamento constituía uma matriz fundamental para essa sociedade. Tomando como referência os historiadores Jean-Jacques Maffre, Robert Flacelière e N. Vressimtzis, pretende-se verificar, por meio de um quadro de análise simples, como os escritos desses autores discorrem sobre a dinâmica do casamento nessa sociedade, sobre a

existência ou não do divórcio e, conseqüentemente, como se instituía o papel da mulher e qual era sua posição social nesse contexto.

**Um comparativismo singular-plural do culto de Isis:
entre egípcios e atenienses do século V e IV a. C**

Prof^a Mda. Marina Rockenback de Almeida – UFRJ

Ao pensarmos o culto de Isis entre atenienses do V e IV séc. a.C visualizamos a fluidez do culto da forma de como se expande e caracteriza. Pretende-se desenvolver um breve comparativo da historiografia produzida sobre o culto da deusa Isis e o que a Arqueologia de Gênero tem a contribuir visando o rico significado atribuído a símbolos e representações nas estelas funerárias, como também estabelecer um panorama da intensa relação da memória e do território.

**Atenas: identidade e conflito entre grupos sociais no século
V a.C.**

Prof. Ddo. Alair Figueiredo Duarte – UFRJ

Ao tratarmos dos thetai na polis dos atenienses durante o século V e a sua inserção na frota naval de Atenas, estamos analisando de forma indireta a sua participação política na manutenção da democracia em Atenas. Buscamos analisar esse segmento social, o qual defendemos se tratar de uma composição heterogênea e ao mesmo tempo questionar, se o termo democracia, pode de fato ser entendido como poder do demos, considerado como poder dos pléthos?

**Augusto:
dimensões religiosas e humanas em Bracara Augusta**

Paulo Pires Duprat – UFRJ

Há inúmeras evidências da reverência religiosa que os antigos reservavam aos fenômenos que atualmente são compreendidos como naturais. Suetônio descreve situação-limite ocorrida com Augusto devido a um raio que quase o atingiu em marcha noturna empreendida por ocasião das Guerras Cantábricas. Em decorrência desta experiência, Augusto erigiu templo no Capitólio em honra a Iuppiter Tonans, em 26 a. C. Este ritual romano é muito antigo e originou-se da religião etrusca. Além disso, está associado a uma epígrafe específica: *Fulgur Conditum*. Tais tradições sugerem processos de romanização nas províncias, pois lá encontramos farta distribuição de remanescentes arqueológicos associados a estes cultos. Vamos demonstrar evidências desta manifestação religiosa em Bracara Augusta, datadas entre os anos 5 e 2 a. C., e analisar suas múltiplas interpretações.

**O Império Romano e a controvérsia priscilianista:
a busca pela legitimação e unidade política no *Codex
Theodosianus***

Profa. Dra. Jaqueline Calazans - UFRJ

O século IV foi palco de uma reviravolta na história do Cristianismo. A perseguição aos cristãos deu lugar a uma aproximação cada vez maior entre as autoridades políticas e religiosas. Nesta comunicação analisaremos a atitude do Império Romano frente às heterodoxias e em especial as ações imperiais de combate ao priscilianismo. Interessa-nos verificar em que medida a

construção da figura do herético como um inimigo público a ser combatido, agiu no sentido de favorecer a legitimação política e a manutenção da unidade imperial. Como documentação lançaremos mão de fragmentos do capítulo V do Tomo XVI do *Codex Theodosianus*, intitulado *De haereticis*. O Código de Teodósio abarcava uma série de temáticas tratadas em dezesseis livros. O último, o décimo sexto, é totalmente dedicado a questões relativas à religiosidade. Dividido em onze capítulos, é no quinto que se encontram os aspectos mais relevantes para nossa pesquisa, as referências às heresias.

Sessão de comunicação 5: Pesquisas em História Antiga e Medieval

História Comparada: da definição metodológica a uma proposta de pesquisa

Jonathas Ribeiro dos Santos Campos de Oliveira – UNESA

Esta comunicação, trabalharemos a História Comparada pensando a linha que a define como metodologia de pesquisa aplicada aos estudos históricos, bem como sua utilização, por nós, na pesquisa que ora propomos para o Mestrado. A História Comparada, desde seu nascimento, a partir da sistematização proposta por Marc Bloch (1928), até os dias atuais, sofrera contribuições expressivas no âmbito dos estudos históricos. Tais contribuições vieram em virtude das novas realidades com as quais a historicidade se defrontou. Ao analisar as construções de ideais de masculinidades em duas obras coimbranas dos séculos XII – XIII, nossa aproximação de tal metodologia vem em virtude das possibilidades que ela abre para o fim que almejamos. Nesse sentido, nossa proposta recai, neste artigo, em tentar definir inicialmente os princípios básicos que definem a História

Comparada, bem como sua diferença em relação ao comparativismo histórico. Em seguida, buscaremos introduzir o leitor no caminho a ser trilhado por nós durante os próximos dois anos, no que diz respeito à aplicação da metodologia comparada à nossa pesquisa de mestrado.

Cinema, História e usos do Passado: Troia

Ruan Cabral Botelho – UFF/ESR

Pretendemos nesse trabalho demonstrar como os filmes comerciais que, embora não possuam o objetivo primordial de ensino, e nem compromisso com a História, podem tornar-se recursos didáticos para o ensino.

A partir do filme Tróia (2004) pretendemos estabelecer uma análise cultural e social do Mundo Antigo no período conhecido como creto-micênico (segundo P. P. Funari). Acreditamos que o estudo de sociedades complexas — tais como a Grécia Antiga — por meio do cinema, pode contribuir significativamente para o desenvolvimento da capacidade dos alunos de análise de elementos culturais e sociais bem como os usos do passado presentes na película que podem não ter uma relação clara com a História.

As Cruzadas Medievais: uma discussão historiográfica

Elisabeth Martiniano dos Santos Paiva – UFF/ESR

As cruzadas foram expedições militares e religiosas realizadas contra aqueles considerados como inimigos dos cristãos e legitimadas pela Igreja. Inicialmente tinham o intuito de ganhar territórios e conquistar a Terra Santa fazendo com que essas terras saíssem do domínio mulçumano e passassem para o domínio Cristão. O principal benefício oferecido aos seus participantes eram as indulgências, o perdão pelos seus pecados. Mas será que as

cruzadas só tinham um caráter religioso ou outros fatores também contribuíram para o início desse movimento?

Este trabalho tem como objetivo discutir as perspectivas historiográficas a respeito das Cruzadas, como se formaram, e os objetivos que pretendiam alcançar. Tentaremos entender as Cruzadas através das pesquisas de alguns autores que se propuseram a estudar esse movimento que ocorreu na Idade Média. Buscaremos entender como a Igreja, que é vista como uma instituição pacifista apoiou esse movimento que envolveu a violência bélica, de forma justificada e legitimada, e que fatores contribuíram para que elas ocorressem.

Reflexões sobre o lugar social de Ramon Llull em Maiorca no século XIII

Diogo Rodrigues dos Santos – UERJ

Nossa proposta pretende refletir sobre os lugares sociais do filósofo catalão Ramon Llull, segundo a concepção teórica de Michel de Certeau. Dessa forma almejamos relacionar o sujeito pesquisado com o seu respectivo lugar social, para compreendermos aspectos políticos, econômicos e culturais, ou seja, o seu contexto social, pois assim podemos apontar e analisar o discurso não-dito. Tais elementos não se encontram diretamente expostos nos escritos de Llull, porém são passíveis de identificação por meio da análise do discurso que assim revela os posicionamentos religiosos, políticos e culturais, em que o autor estava inserido bem como as tensões sobre o que era permitido ou não, de acordo com a influência do lugar social. A partir desse aparato teórico-metodológico podemos explicitar as intencionalidades e o não-dito do autor supracitado e refletir sobre a importância do lugar social na construção do discurso de um indivíduo.

Deuses Estrangeiros no Egito Antigo

Ana Luíza da Costa Duarte - UFF

A religião egípcia recebeu, ao longo da história do Egito antigo, deidades de origem estrangeira que gozaram de maior ou menor importância, dependendo do momento que tal contato se deu. Não obstante, uma divindade egípcia, Seth, foi criada para representar tudo aquilo que é estrangeiro e se torna, inclusive, parte do mito de criação, exercendo o papel de antagonista a Osíris. Sua participação na mitologia ajuda a entender como os egípcios se relacionavam com os habitantes das regiões vizinhas. Outras divindades estrangeiras também se tornaram parte do panteão egípcio a partir do Segundo Período Intermediário, sendo relacionadas inclusive familiarmente com os deuses autóctones. Procuraremos, neste trabalho, apresentar esses deuses, a maneira pela qual os conhecemos, e o que se sabe, de forma geral, a respeito deles.

Sessão de comunicação 6: Heresia e Arte na Idade Média

As Heresias da Idade Média Central e suas relações com a Inquisição

Ellen Rocha De Almeida – UFF/ESR

Esta comunicação busca compreender o papel que as heresias tiveram na Idade Média Central, e como elas contribuíram para o surgimento da Inquisição. Buscaremos entender o modo como a Igreja observava a heresia. Nosso principal objetivo é explicitar os pensamentos de autores que tratam das heresias, trazendo a discussão proposta de cada autor para que juntos acrescentem ao debate que coloca em voga aquilo que se sabe

sobre as heresias na Idade Média Central e como as mesmas foram requeridas e marcaram fortíssima presença na Inquisição.

O Gótico: apontamentos iniciais sobre a arte medieval

Ruan Carlos Nogueira Manhães – UFF/ESR

Esta comunicação visa fazer uma discussão historiográfica sobre o movimento arquitetônico gótico, fazendo uma breve contextualização do período em que ele se encontra, na Idade Média Central. Pretendemos levar em consideração na nossa análise não só as mudanças acarretadas por desenvolvimentos urbanos, mas também relacionados ao sentimento e mentalidade do homem medieval de que a Igreja é um local de proteção e busca da salvação.

Cruz Gamada de Augusto: construção da legitimidade do Imperial na iconografia cristã medieval (estudo de caso)

Vânia Vidal Luiz - UNIRIO

Esse estudo de caso tem como objetivo demonstrar a representação do conceito de *imperium* a partir do camafeu augustano da Cruz Gamada de Lotário (séc. XI) e suas apropriações pela Idade Média na fundamentação das bases simbólicas do Sacro Império. A partir da compreensão patrística de que a cruz, como representação, converte-se no *signum* da vitória de Cristo sobre o mundo, a morte e o pecado personificando a promessa da Salvação e do Advento. Tal *signum* re-liga o passado ao futuro através do culto do presente. Sustentamos que a centralidade da figura de Augusto não é ocasional. Trata-se de uma linguagem iconográfica deliberada, que aliada a outros elementos do objeto, nos faz crer que o triunfo

prestado não se atém ao Cristo e sua vitória sobre a morte, mas ao *imperium romanorum* e sua vitória sobre a civilização.

Sessão de Comunicação 7: Política e Igreja na Alta Idade Média

A renúncia à riqueza material nas instituições cenobíticas de João Cassiano

Prof. Ms. Bruno Uchoa – PPGHC/UFRJ

Entre os anos de 420 e 424, o monge marselhês João Cassiano escreveu o *De institutis coenobiorum et de octo principalium vitiorum remediis*, ou simplesmente Instituições Cenobíticas. O documento, dividido em doze livros, contém orientações para a conduta ascética num cenóbio. Recorrendo à literatura monástica pregressa, sobretudo a produzida no Oriente, João Cassiano abordou, dentre outros temas, a renúncia à riqueza material.

Nesta comunicação, pretendo refletir sobre a presença da diretriz de rechaço dos bens mundanos nas Instituições Cenobíticas. As ponderações privilegiarão dois livros do documento, onde João Cassiano aprofundou suas observações sobre a questão: o livro IV, a respeito do ingresso no mosteiro e a formação dos monges; e o livro VII, que expõe a natureza do espírito de avareza e o método para combatê-lo.

Tricennalis temporis intentione referente ao patrimônio eclesiástico: divergências e aproximações entre a Lex Visigothorum e as atas conciliares toledanas.

Prof. Ms. Guilherme Marinho Nunes – PPGHC/UFRJ

Minha pesquisa atual está focada no patrimônio eclesiástico na Península Ibérica do período visigodo. Esta comunicação tem como tema principal o discurso eclesiástico acerca do direito de prescrição dos trinta anos, que representa uma interdição a uma ação de reivindicação quando esta é realizada após passarem-se trinta anos de uso de uma propriedade. Encontramos referências a esta legislação em algumas leis do Forum Iudiciorum, inclusive algumas que versam sobre posses de igrejas.

Ao compararmos as atas conciliares e a Lex Visigothorum percebemos divergências que abrem espaço para uma ampla gama de problematizações, ainda pouco exploradas pela historiografia contemporânea. Objetivamos discutir, neste trabalho, majoritariamente a normativa canônica relativa à prescrição de trinta anos, buscando destacar um discurso acerca das especificidades jurídicas do patrimônio eclesiástico. Desta forma, pretendemos chamar atenção a um processo que julgamos buscar afirmar a autoridade do episcopado em um sentido institucional.

Considerações sobre a proposta eremítica na auto-hagiografia de Valério de Bierzo

Prof.^a Ms. Juliana Salgado Raffaelli – PPGHC/UFRJ

Tendo em vista a pesquisa de mestrado desenvolvida, sob o título “O eremitismo no reino visigodo do século VII: um estudo comparado da auto-hagiografia de Valério do Bierzo e do discurso episcopal em Isidoro de Sevilha”, o presente trabalho tem por objetivo analisar a proposta de monacato dentro do modelo eremítico presente nas narrativas auto-hagiográficas de Valério do Bierzo.

Valério do Bierzo viveu provavelmente entre os anos 625 e 695, no noroeste da Península Ibérica. Suas obras assinalam o

incentivo a práticas ascéticas de grande rigor, a definição dos valores morais do eremita e críticas ao que ele considerava como desvios da profissão religiosa. Mesmo não possuindo uma posição de grande importância na hierarquia eclesiástica, estava inserido na tentativa de normatização das instituições religiosas cristãs do seu momento. A auto-hagiografia apresentava suas críticas de cunho político e religioso, a narrativa da sua vida eremítica, assim como de alguns dos seus seguidores, e os consequentes conflitos com a hierarquia eclesiástica.

Buscaremos, por meio da análise do discurso, estabelecer algumas considerações sobre a proposta de vida monástica, no modelo eremítico, defendida pelo monge nas suas narrativas auto-hagiográficas.

PESQUISADORES POR ORDEM ALFABÉTICA

Grad. Adriele de Jesus Costa – UFF/ESR
Grad. Ana Luiza da Costa Duarte – UFF/GEKEMET
Prof. Dr. André Bueno – UNESPAR/LAPHIS
Prof^ª. Dr^a. Andreia Frazão – PEM/UFRJ/CNPq
Grad. Andressa Cruz Carvalho Leonardo – UFF/ESR/NEHMAAT
Prof. Dr. Aristides Sofiate – UFF/ESR
Prof. Ms. Bruno Uchoa – PPGHC/UFRJ
Prof^ª. Dr^a. Carolina Fortes – Translatio Studii/PEM/ NEHMAAT/ UFF
Grad. Caroline de Souza Corrêa – UFF/ESR
Prof^ª. Mestranda Celia Daniele Moreira de Souza – PPGHC/UFRJ
Prof. Dr. Cláudio Carlan - PPGHI/UNIFAL
Prof. Dr. Dilip Loundo - UFJF
Prof. Diogo Rodrigues dos Santos – UERJ
Prof. Douglas Magalhães Almeida - GEHM-CEIA-UFF / GEHJA-CEIA-UFF / NEJAPUFSC
Grad. Ellen Rocha De Almeida – UFF/ESR
Grad. Elisabeth Martiniano dos Santos Paiva – UFF/ESR
Prof. Dr. Gabriel Castanho - UFRJ
Prof. Ms. Guilherme Marinho Nunes – PPGHC/UFRJ
Grad. Guilherme Klima Buganza – UFF/ESR
Prof. Hiram Alem - GEHM-CEIA-UFF / NIELIM-UFRJ
Grad. Henrique de Melo Kort-Kamp – UFF/ESR
Grad. Laura Milani – UFF/ESR/NEHMAAT
Prof^ª. Dr^a. Leila Rodrigues da Silva – PEM/UFRJ
Prof^ª Dr^a. Liliana Manzi - FFCHL-UBA/Argentina
Grad. Lucas Barcellos Figueiredo – UFF/ESR
Grad. Lucas Ferreira Vieira – UFF/ESR/NEHMAAT
Prof. Lucas Carvalhal Sirieiro - GEHM-CEIA-UFF
Prof. Dr. Manuel Rolph Cabeceiras - GEHM-CEIA-UFF/ PLURALITAS-UFRRJ/ IGHMB
Prof^ª. Dr^a. Maria do Carmo Parente Santos- NEA/UERJ
Prof^ª Dr^a. Miriam Lourdes Impellizieri Luna Ferreira da Silva - UERJ
Prof^ª Mestranda Marina Rockenback de Almeida PPGHC/UFRJ/NEA/NEHMAAT
Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos - UFF – NIEP-Marx-Prék – Translatio Studii
Prof. Dr. Paulo Duarte – PEM/UFRJ
Prof. Doutorando Paulo Pires Duprat – PPGHC/UFRJ/LHIA
Prof. Dr. Rodrigo Rainha – UNESA
Grad. Ruan Cabral Botelho – UFF/ESR/NEHMAAT
Grad. Ruan Carlos Nogueira Manhães – UFF/ESR
Prof^ª. Mestranda Thamís Malena Marciano Caria - IAD-UFJF/NEHMAAT

I Encontro de História Antiga e Medieval / I Colóquio de Estudos Orientais
Universidade Federal Fluminense – História – Campo dos Goytacazes

Prof^{fa}. Mda Vânia Vidal Luiz – UNIRIO/NERO/NEM
Prof^{fa} Dr^a. Violeta Pereyra - IHAO-FFCHL-UBA/Argentina
Prof. Ms. Wendell dos Reis Veloso - UFRRJ



<http://www.nehmaat.uff.br>

uff Universidade Federal Fluminense



Revista Mundo Antigo
História Antiga, Medieval e Arqueologia